

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

O imaginário social sobre a morte no Contemporâneo

Polianna Rodrigues da Costa

3910
S.9 (C)

Polianna Rodrigues da Costa

O imaginário social sobre a morte no Contemporâneo

Monografia apresentada ao curso de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial pra obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Prof^a. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, julho de 2009.

COSTA, Polianna Rodrigues, (1986)

O imaginário social sobre morte

Polianna Rodrigues da Costa – Uberlândia, 2009-05-23

63 Fl

Orientadora: Heloisa Helena Pacheco Cardoso

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação
em História.

Inclui Bibliografia

Palavras Chave: Morte, história social, imaginário.

Polianna Rodrigues da Costa

O imaginário social sobre a morte no Contemporâneo

Banca Examinadora

Heloisa Helena Pacheco Cardoso (orientadora)

Ivonilda Lemes

Sérgio Paulo Moraes

**Meus agradecimentos a
meus pais Jonas Rodrigues
e Joana d'Arc da Costa
Rodrigues.**

Agradecimentos.

Agradeço ao meu amigo Ruben que me despertou para o curso de História, juntamente com a professora Dra Maria Clara (a primeira a falar da possibilidade em trabalhar tal temática).

Agradeço à professora Dra. Heloisa Helena pelas elucidações de questões pertinentes ao debate acadêmico. Também a todos aqueles que me acompanharam durante essa trajetória, aos vários colegas que contribuíram com importantes fontes documentais e dicas de textos. A todos os meus agradecimentos.

Além disso, agradeço às pessoas que compartilharam comigo um pouco das suas experiências, enriquecendo o nosso trabalho. Dentre elas os senhores e senhoras: Maria Zulmira Ferreira, Jean Carlo Vilarinho Dias, Estrela Vilarinho Guimarães, Maria de Fátima Vilarinho e Geane Alves.

Por último, meus agradecimentos aos professores Ivonilda e Sergio Paulo por aceitarem compor a banca de defesa desta monografia.

Resumo

O presente trabalho faz um estudo sobre o tema morte abordando as diversas visões presentes na sociedade. Além da literatura lido com entrevistas orais e lembranças póstumas tento estabelecer um diálogo com as pessoas, buscando entender os diversos posicionamentos e rituais existentes. Também com fotos, recentes e mais antigas, dos cemitérios de Uberlândia, tento ver até que ponto essas representações de morte aparecem ou não nesses locais.

Faço um estudo mais focalizado na região de Uberlândia a partir de meados da década de 60, onde temos grandes avanços científicos que fazem com que várias pessoas passem a confiar, mais na ciência do que na religião. Se antes a morte se dava em casa rodeada de parentes e amigos e com a figura do padre ou sacerdote que ajudava na despedida do moribundo, agora temos a morte deslocada para o hospital que tem rígidos horários de visitas: com isso a morte acontece na maioria das vezes de forma velada e escondida dos olhos familiares.

Não tenho a pretensão de emitir julgamentos acerca do melhor ou o pior para uma pessoa ou outra. É um estudo que analisa como a sociedade chegou ao ponto que estamos hoje e quais valores foram alterados ou reapropriados.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1	14
Da indignação à aceitação: visões diferenciadas sobre a morte	14
Capítulo 2	28
Os rituais fúnebres e seus significados	28
Capítulo 3	41
A arquitetura dos cemitérios	41
Considerações finais	51
Fontes	54
Bibliografia	58
Anexos	60

Introdução

O tema morte me chama atenção e também faz parte da minha vida, pois nasci em Coromandel, interior de Minas Gerais e lá convivi com uma visão de morte mais aberta, com velórios lotados e muito choro. Quando me mudei pra Uberlândia percebi uma grande diferença na concepção de morte, de uma que antes era pública pra outra velada e cheia de pudores e quase isenta de rituais religiosos. O tema foi se tornando para mim uma questão para a qual comecei a buscar respostas: porque cidades bem próximas têm vivências de morte tão diferentes?

Quando entrei na Universidade esse interesse foi despertado no campo acadêmico quando li a dissertação de mestrado da professora Ivonilda Lemes¹, pois ela trata de uma mudança de visão sobre o tema, que abriu meus olhos para uma reflexão mais profunda, buscando compreender os sentidos desta mudança. A partir de então optei por uma pesquisa sobre o imaginário que o mundo ocidental cria e reproduz sobre a morte.

Analisar como as formas de lidar com determinados sentimentos vão se alterando com o passar dos anos, parece-me uma questão importante para refletir sobre o imaginário social contemporâneo. Dor e saudade, outrora públicos, agora estão destinados à clandestinidade. As lágrimas que antes rolavam pelo rosto desfigurado pela dor, agora têm um significado asqueroso aos “bons modos” que sugerem que elas sejam escondidas da sociedade, poupando-a de tal visão.

O moribundo hoje é deixado à margem da sociedade, confinado num hospital, onde lá só são permitidas visitas em determinados horários e, assim sendo, o paciente não consegue suprir suas necessidades afetivas, pois os amigos e parentes não ficam tempo suficiente para detectá-las e médicos e enfermeiras, diante do trabalho e da necessidade de profissionalismo, não conseguem captar sentimentos e nem podem estabelecer laços de afeto com o moribundo. É eminente a necessidade de se humanizar

¹ LEMES, Ivonilda “*Prometeu (dês) encantado: Sensibilidades Históricas e gestão da vida e da morte*”. Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

a morte, sem tratar o paciente como número, mas como ser humano, fazendo com que ele manifeste seus desejos e medos.

Quando alguém vem a morrer num hospital, o corpo é automaticamente descartado dele e entregue à terceiros que cuidam do velório, sepultando o morto (processo que antes se dava na própria casa). Essas agências, as funerárias, fazem por sua vez o “Comércio da morte”, vendendo a todo tempo planos funerários, estimulando assim todos a se prepararem para ela.

Também a questão dos cemitérios, que mais parecem cidades com suas ruas, avenidas, locais nobres para pessoas “importantes”, são verdadeiros monumentos para enterrar toda uma família. É preocupação das famílias comprar um terreno nos cemitérios para edificar seu local de sepultamento junto com seus pais e avós.

Partindo de todos esses princípios é que percebi, nesses espaços, algumas representações sobre a morte na contemporaneidade, tomando como referencial de partida a década de 1960. Este recorte parece significativo por estar entre duas décadas do século passado em que o desenvolvimento científico-tecnológico parece ter avançado no sentido de visualizar mais claramente os organismos vivos e a doença, a nível molecular, decifrando o código genético (década de 50) e o aceleração da revolução eletrônica (a partir da década de 70), dando margem para que alguns homens, ligados a medicina, pudessem prever a “conquista da imortalidade”. Assim, nessa temática, refleti sobre várias questões, explicitadas nos capítulos que compõem esta monografia, dentro do que foi possível fazer em um ano.

Partindo então da certeza de que temos diferentes formas de lidar com a morte, e que essas formas se alteram de geração em geração, embora alguns elementos permaneçam, tentei refletir também sobre o significado da vida que é o seu contrário. Como a média de vida tem aumentado nos últimos decênios, o sentimento sobre a morte parece expressar diferenças de idade, condições de saúde e posição social. Dentro disso, investiguei as seguintes problemáticas: analisei as representações sobre a morte tendo como fontes as imagens do cemitério; analisei a memória de pessoas que viveram as décadas de 60 e 70, assim como os seus significados de vida e de morte; apontei diferenças que já se apresentam no conceito de morte nos últimos 50 anos; abordei os significados do medo do desconhecido, a perda das coisas que amamos com a seguinte

indagação “temos medo da morte ou medo de morrer?”. Refleti sobre o papel da morte na esperança de uma vida posterior e relatei as mudanças nos valores sobre a vida e a morte com as transformações na sociedade contemporânea a partir dos anos 1980.

Dentro das fontes pesquisadas destaco as fotos que mostram diferenças entre os cemitérios Bom Pastor e São Pedro em Uberlândia, além disso, as próprias lembranças póstumas também são portadoras de imagens que analiso relacionando-as com as entrevistas. Nas entrevistas abordei temas como os sentimentos que cercaram a perda de parentes e amigos, o próprio medo em relação à morte, os cemitérios e seus significados para cada um. Além destas fontes, pesquisei textos literários de vários autores que tentam dar conta de diferentes sentimentos e expectativas em relação à morte.

Nas entrevistas, o que encontrei foi a diversidade de formas de interpretar a morte e extravasar a dor. As pessoas falam de seus sentimentos e de suas lembranças de forma diferenciada. Em todas as entrevistas é confirmado que a morte social começa antes da física, isso devido a questões ligadas ao capitalismo e sua necessidade de estar inserido no sistema. Abordei com os entrevistados todos os âmbitos da morte como rituais fúnebres, cemitérios, sentimentos e até as próprias funerárias que se especializaram nesses ramos.

No primeiro capítulo faço uma introdução à própria discussão, analisando alguns poemas e a representação de morte para alguns autores, representada em seus textos. Por meio de consultas na internet encontrei poemas escritos nas mais diversas situações: perda da mãe, de um grande amor, etc. Em alguns o sentimento de saudade se identifica com conformismo, mas de qualquer forma a representação no poema é interessante porque imortaliza a pessoa que morre, apagando as tensões, os problemas e conflitos que marcam a vida de qualquer um. Outros expressam a total vontade de encontrar o familiar no céu, então é um pensamento que traz esperança àqueles que perderam seus entes queridos. Ao pensar em morte temos que pensar a vida, isso acontece principalmente quando a morte é de uma pessoa jovem, logo vem o raciocínio do que a pessoa poderia ainda viver se não tivesse morrido. E muitos expressam seu medo da morte justamente por ser o desconhecido, além de, às vezes, ela estar ligada a dores, humilhações, tubos e aparelhos por todo o corpo, ou seja, teme-se não ser mais dono do seu próprio corpo.

No segundo capítulo analiso as próprias lembranças póstumas e as entrevistas no intuito de cruzar essas informações com os textos de autores que me ajudaram a pensar essa temática. A morte não é algo isolado, acontece com todos os povos em todos os momentos. Para pensar isso, lidei com autores como Feuerbach², que também escreve³ sobre morte e imortalidade, trazendo à tona a automatização do indivíduo enquanto valor social e moral. Com tudo isso, a consciência da morte é evidente por causa da individualidade. Com a aceitação do conceito de salvação, a imortalidade assegura o pensamento sobre morte. Então o homem, segundo ele, tinha plena consciência de sua morte justamente por causa dos preceitos religiosos que lhe davam uma individualidade que, se comparada ao que vemos hoje, não é consciente no sentido de propor uma aceitação como algo natural do ser humano.

Outro autor importante é Philippe Áries⁴ foi um importante historiador e medievalista francês, escreveu vários livros, seu principal trabalho rendeu um longo estudo acerca da morte. No livro como um todo faz uma comparação entre como se via a morte na antiguidade e na idade média, estabelecendo uma relação com a idade contemporânea. Para ele a morte era um rito de passagem. Ela era aguardada: no leito de casa o moribundo fazia alguns rituais, como deitar de costas, porque assim seu rosto estava voltado para o céu.

Roberto Damatta⁵ defende a tese de que todas as sociedades têm que lidar com a morte, mas o que temos hoje são algumas sociedades lidando com o morto e outras lidando só com a morte. Roberto Damatta nasceu em Niterói, 1936. É um importante antropólogo brasileiro. Possui graduação e licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense (1959 e 1962). Fez também curso de especialização em Antropologia Social no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1960); mestrado e doutorado em 1969 e 1971 na Universidade de Harvard. No livro *A*

² Nasceu em Landshut no dia 28 de julho de 1804 em Rechenberg, e morre em Nuremberg dia 13 de setembro de 1872, foi filósofo alemão. Feuerbach é reconhecido pela teologia humanista e pela influência que o pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de teologia para tornar-se aluno do filósofo Hegel, durante dois anos, em Berlim.

³ FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Campinas: Papirus Editora, 1997.

⁴ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editora teorema, 1988.

⁵ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasileira, 1985.

casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, Roberto Damatta traz a discussão da divisão cultural entre o espaço da rua e o privado. A rua é o lugar do anonimato, a casa ao contrário é o lugar da cordialidade, do contato com o outro. Mas para o autor essa separação não se dá de forma tão simples assim como antes. A ânsia por segurança fez com que a linha que separa o público do privado ficasse cada vez mais tênue. Então, para o autor, a morte hoje se encontra dentro do âmbito do privado, no sentido de se retirar a essência religiosa que é pública, e se dar de forma velada sem muitas testemunhas ou pessoas que ofereçam auxílio para os que perdem principalmente conforto.

No terceiro capítulo, fecho analisando a arquitetura dos cemitérios, com fotos recentes e antigas, além da análise de documentos que possibilitam melhor compreensão do momento. Reflexão essa que possibilita pensar a desativação do cemitério São Paulo, onde hoje, no seu lugar, há uma escola de ensino fundamental. A diferença evidente do cemitério São Pedro e o Bom Pastor está nas questões do rumo à modernidade, definida pelo poder público municipal como o caminho a ser perseguido pelo município (filosofia adotada pelos dirigentes na cidade de Uberlândia), que tenta apagar os resquícios de morte do perímetro urbano. O cemitério São Pedro tem suas representações da morte bem expressivas e ao alcance da visão, já o cemitério Bom Pastor tem pequenos vestígios de morte que estão dispostos de forma uniforme se assemelhando aos cemitérios norte americanos. Sobre esses dois locais, as pessoas têm visões diferenciadas.

O assunto morte é polêmico, ele se relaciona com sentimentos e visões de mundo. Mesmo enfrentando as complexidades que ele traz, o objetivo do estudo aqui apresentado foi o de pensar as várias dimensões que o tema comporta expressões das diversidades que marcam as relações entre as pessoas no mundo contemporâneo.

Capítulo 1

Da indignação à aceitação: visões diferenciadas sobre a morte

Todos nós vamos morrer um dia e essa é a única certeza que temos. Esta frase se tornou comum nas falas das pessoas. Pensando o social como algo dinâmico, onde as pessoas vivem as transformações nas relações que estabelecem e nas mudanças que enfrentam, a morte é apresentada então como certeza, frente à qual não temos o poder de intervenção. No entanto, nem todos concordam com o que venha a ser morte. Uns acreditam que sobreviverão após a morte dos seus corpos, no céu ou no inferno, ou para outro lugar, tornando-se um “fantasma” ou voltando à terra em um corpo diferente, talvez nem mesmo como ser humano. Outros acreditam que deixarão de existir quando o corpo morrer, neste caso, significa o antônimo da vida.

Essas visões sobre morte vêm se alterando nos últimos anos, devido a diversos fatores, que discutiremos posteriormente. Essas mudanças são nítidas se olharmos mais atentamente para um cemitério, se compararmos os relatos dos rituais fúnebres feitos há uns 50 anos e os de hoje. Podemos afirmar que não só o comportamento das pessoas mudou, mas o cenário dos velórios, trajes, arranjos, deslocamentos e arquitetura dos novos cemitérios apontam para a necessidade de pensarmos os significados sociais sobre a morte e os mitos na sociedade contemporânea.

Na literatura a morte é tratada de diversas formas. Alguns escritores a retratam de forma branda e conformada, outros com indignação ou como uma resignação de que tal acontecimento é verdadeiro e certo. Podemos exemplificar isso com um poema de Emílio Carlos Alves, escrito em 14 de janeiro de 2008, intitulado “Mãe, um poema de saudade”⁶, que contém os seguintes dizeres:

⁶ Texto retirado do site: <http://recantodasletras.uol.com.br/poesiasdedicatorias/817319>. Acesso em: 15/11/2008.

*“ Não tenho mãe, quem me dera
 Pudesse ter a ventura
 De numa vida futura,
 Ter outra vez Dna. Vera.*

*Eu não queria fazer um poema de saudade,
 É que saudade é solidão presente,
 Tampouco relembrar momentos de felicidade,
 Nem gestos de mágica ternura...
 Antes, eu queria tê-los novamente,
 Guardados para sempre aqui comigo...*

.....

*As horas continuam a se suceder
 E só o velho relógio de parede as registra...
 Nada é mais como antes,
 E eu nunca serei como antes ,
 Sem a presença daquela que amei, amo e amarei...
 Não importa...*

Emílio Carlos Alves mora em Santos, interior de São Paulo, tem 61 anos e é escritor amador. Escreveu esse poema na situação de perda, da morte de sua mãe. Tomei conhecimento do mesmo em uma consulta pela internet selecionando os melhores poemas que falam sobre morte. Podemos perceber na escrita um sentido expresso de saudade que parece ser também de conformismo. No poema, o autor demonstra que tem interesse em ter de volta todos os momentos que passou com a mãe e de tê-la novamente por perto. Como isso não é possível, o poema é um registro do que foi vivido e que se torna imortal. Apagaram-se as tensões, os problemas, os conflitos, que também marcam o cotidiano de cada um, para ressaltar os significados da ausência enquanto perda.

Na continuidade do poema a morte é figurada nas recordações de uma vida conjunta que não voltará e na relação que o autor estabelece entre morte e tortura, negror e noite. Se a morte é figurada nessas expressões, a vida seria o seu contraponto: a felicidade. É preciso ressaltar que essas imagens são construídas a partir de uma relação familiar vivida, de uma convivência entre mãe e filho, que explicita valores:

II

*Recordações afloram à minha mente,
O lugar no sofá da sala está vazio
O meu coração está vazio ...
Não ouço mais a mesma voz que me repreendia
Pelas coisas erradas que fazia,
Nem aquela voz que carinhosamente
Me despertava com um "Bom dia!"...*

*Minh'alma morreu um pouco...
Eu morri um pouco!
A ausência de você é chaga que tortura ...
Nem o Sol, embora claro o dia,
Consegue iluminar o negror
Da minha noite escura ..."*

Na página em que está o poema existe um único comentário de uma senhora que escreve que a mãe do autor vai ficar muito satisfeita com o poema "onde quer que ela esteja". Provavelmente essa pessoa está ligada a ideais cristãos que confortam, consolam as pessoas, em uma esperança de vida após a morte, no céu para os bons e no inferno para os maus, o que traz a esperança de se reunir com os familiares, amigos e pessoas do seu convívio, em outra dimensão.

O autor Rubens Alves⁷ também escreveu sobre morte da seguinte maneira⁸: *... a morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetrados.* Nestes dizeres, que se colocam muito bem nos dias atuais, o que se destaca é que para pensarmos a morte temos necessariamente que analisar a vida. Quando alguém próximo a nós morre, sempre nos vem o pensamento sobre o que estamos fazendo com essa vida: existe um sentimento de perda, mas a ênfase é no sentido de sonhos que foram interrompidos, é uma visão bastante romantizada, principalmente se a morte for de uma pessoa jovem. No texto como um todo ele expõe que a morte é um lugar de saudade, confessa em outras passagens ter medo da morte, medo de que ela venha ligada a dores, humilhações, tubos e aparelhos ligados ao corpo, ou seja, teme não ser mais dono do seu próprio corpo. Também teme a solidão, medo de que no momento da morte não tenha ninguém para segurar sua mão e lhe desejar boa sorte. Para ele a morte boa teria que vir mansa, sem dores, longe dos hospitais e em meio às pessoas que ama, e em meio a visões de beleza.

A maioria das mortes de jovens se dá por conta de uma vida cada vez mais desregrada e cheia de excessos. Esta morte é vista de forma diferente daquela de um idoso que tem problemas de saúde bastante avançados e a morte já é uma realidade próxima para todos os familiares. Mas as causas, os riscos, que levam à morte também são ignorados pela sociedade moderna, que na maioria das vezes opta por uma vida de excessos e inconseqüência, como má alimentação, sedentarismo, uso de drogas etc. Apesar do grande número de informações disponíveis, não diminui o número de mortes com essas causas já pré-definidas:

Apesar de menos expostos às doenças e epidemias, os jovens são a parcela da população mais sujeita à morte por fatores externos: 60,4% dos óbitos na faixa etária entre 16 e 24 anos (praticamente três em cada cinco mortes) são causados por homicídios, acidentes de carro e suicídios.

⁷ Nasceu no dia 15 de setembro de 1933, em Boa esperança no sul de Minas Gerais, naquele tempo chamado de dores da Boa Esperança. É autor e membro da Academia Campinense de Letras, professor métrio da Unicamp e cidadão honorário de Campinas.

⁸ Texto retirado de <http://WWW.releituras.com>. Acesso em :01/11/2008.

Para o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, autor da pesquisa, os números são reflexos da desigualdade social no país: “Basicamente, esse caráter de exclusão faz com que a vida não tenha valor. Nossas pesquisas mostram que 60% das vítimas não atuam profissionalmente no crime. São jovens que, por motivos banais, matam e morrem com facilidade”.

A taxa de morte por assassinato atinge 3% da população não-jovem, enquanto entre os jovens chega a 39,7%. A pesquisa da OEI revela ainda que, embora os homicídios prevaleçam na faixa de 20 a 24 anos, a faixa entre 14 e 16 anos tem apresentado maior crescimento nos últimos anos. A maior parte das vítimas é do sexo masculino 93,7%. E 64,7% são negros, ou quase o dobro do percentual de jovens brancos assassinados no período (34,9%).⁹

Unamuno¹⁰ também escreve sobre morte. O texto como um todo, apesar de não possuir título, trata justamente dessa diferenciação de morte que o homem faz que o separa e diferencia de outros homens. Pensando nisso temos também que lembrar que a forma que conservamos os mortos também é uma forma de ritual: *O que distingue o homem dos outros animais é que de uma forma ou de outra ele conserva seus mortos. E por que será que tão futilmente os protege? A consciência infeliz recua ante sua aniquilação...*¹¹. O autor dessa frase faz uma comparação entre homens e animais perante a morte em todo o texto do qual é extraído esse fragmento. Não sabemos se os animais têm sentimentos ou sentem a falta dos seus, mas, se sentissem, será que tratariam a perda como nós a tratamos?

⁹ Estatísticas retiradas do site: <http://www.inverta.org/jornal/edicao-impressa/411/Social/411mortalidade>. Data de acesso: 19/03/2009

¹⁰ Miguel Unamuno y Jugo nasceu em 29 de setembro de 1864 e morreu em 31 de dezembro de 1936, foi poeta e filósofo espanhol. Estudou na Universidade de Madrid onde tirou o curso de filosofia e Letras e mais tarde obteve a cátedra de grego na Universidade de Salamanca. Dez anos depois foi nomeado reitor da Universidade Salamantina.

¹¹ Texto retirado de: [HTTP://WWW.assirio.com/autor](http://WWW.assirio.com/autor). Acesso em 10/11/2008.

O poeta Bruno Dias¹² nos traz a seguinte poesia:

“À espera da morte....

*Lembras-te de quando eras pequeno,
Quando ninguém te deixava sozinho,
E toda a gente te enchia de carinho,
Tinhas pouco mais que um aninho...*

Nessa altura não esperavas...

*E de quando eras um adolescente,
De atitude e postura inconsequente,
Quando ninguém te fazia frente,
E a loucura era coisa frequente...*

Nessa altura não esperavas...

*Lembras-te de quando eras adulto,
Quando grande parte é apenas vulto,
Abdicam de si sem o mínimo tumulto,
O que considero a nós o maior insulto...*

Nessa altura já desesperavas...

*E daquele tempo em que eras velho,
Quando te sentias tipo ferro-velho,
Com o fim próximo e maior o mistério,
No pensamento sempre o cemitério...*

Nessa altura até já rezavas....

¹² Bruno dias nasceu em Lisboa, em 22 de Novembro de 1979. É poeta. Diz trabalhar com temas relacionados a morte, porque se relacionam com a natureza humana. Considera que analisando a ele, acaba de falar em nós.

*Não será para ti um grande espanto,
Perceber que quem te trouxe para cá,
Será quem te irá levar de novo para lá,
Sem te questionar o que fizestes por cá!*

A ser verdade, é uma revelação e tanto.

*Se calhar assim já descansas...*¹³

Segundo esse autor, quando morrermos, seremos água, num raio de luz. Para ele a morte é vista de outra forma, não como o fim, mas como uma passagem não para o céu ou para o inferno, mas para uma forma diferente de vida. Existem essas pessoas que não crêem na morte como fim, ou passagem para territórios celestiais, mas em uma mudança de estado. O poema traz uma trajetória que vai da infância à velhice. Se a infância é o tempo do carinho, a adolescência o da inconseqüência, o da vida adulta a da indiferença, a velhice é apresentada como o tempo do fim próximo, do pensamento no cemitério, da reza, do descanso próximo.

Essas diversas visões para com a representação da morte podem ser também percebidas pelos noticiários de televisão. Para exemplificar isso, recorro a duas mortes que aconteceram recentemente, uma do cantor brasileiro e tradicional interprete de sambas-enredo da escola de Samba Mangueira José Bispo Clementino dos Santos, o Jamelão, que nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1913 e morreu aos 95 anos de idade, também no Rio de Janeiro, em 14 de junho de 2008. Contrastando com a da adolescente Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, que morreu no desfecho de um seqüestro que começou segunda feira, dia 13 de outubro de 2008, e tem morte cerebral no dia 18 de outubro de 2008, em Santo André, São Paulo.

No site da Rede Globo, a morte de Jamelão é noticiada da seguinte forma:

Um dos maiores símbolos do carnaval brasileiro morreu essa madrugada no Rio de Janeiro, José Bispo Clementino dos Santos, o Jamelão, o corpo do cantor vai ser velado na quadra da Escola de Samba Mangueira. A voz

¹³ Texto retirado do site: [http://sitedepoesias.com.br//Poema escrito por Bruno Dias//](http://sitedepoesias.com.br//Poema%20escrito%20por%20Bruno%20Dias//)Acesso em: 23/10/2008.

de Jamelão emocionou várias gerações, como ele mesmo gostava de dizer era um integrante da música popular brasileira.

O Jamelão era o José Bispo Clementino dos Santos que nasce no bairro de São Cristovão no Rio de Janeiro era diz doze de Maio de 1913, quando se canta historias de gafieiras, cabarés e do Samba, Jamelão é um capítulo Especial, aos nove anos já trabalhava como engraxate, entregador de jornais, operários de fábricas de tecidos CONFIANÇA, em Vila Isabel, a morte era Cronin de Gafieira, foi aí que ganhou o apelido que virou marca no mundo da música brasileira.

Nos anos quarenta o cantor da Gafieira passou pelo programa de Calouros de Ary Barroso, interpretou Amélia de Araújo Alves e Mário Lopes fez sucesso, passou a cantar em emissoras de rádio, e virou Crommer da orquestra Tabajara, gravou inúmeros sucessos da era de ouro do rádio, compôs dezenas de músicas e cantou os principais autores nacionais como Ary Barroso. O futuro de Jamelão estava mesmo no Samba, A Mangueira eterna paixão chegou pelas mãos de Grandy compositor amigos de Carlota e Carlos Cachça, e nunca mais deixa a estação primeira, logo virou puxador do samba da escola, ou melhor interprete como ele gostava de dizer da verde e rosa desde 1949, a vez marcante das antigas melodias de sofrimento ganhava força na avenida ressaltando a escola do coração. Incorpora a forma de mal humorado, situação facilmente perdoada por todos, pois foi assim desde jeito que Jamelão atravessou gerações e escreveu uma página brilhante da música popular brasileira¹⁴.

Diante dessa matéria, podemos perceber que foi ressaltada a trajetória de vida do personagem, foram exaltados seus atos, e sua eficiência diante do que fazia. Nesse caso, como se tratava da morte de um idoso, com idade bastante avançada, a morte é de certa forma tratada com mais aceitação, e é construída a imagem de um homem bom, onde não lhe é atribuído nenhum ato que prejudique sua fama. Jamelão é apresentado como um trabalhador, um cantor de sucesso, um interprete respeitoso; na sua morte, o que é celebrado são os valores que são buscados na sua trajetória, que não são só seus, mas os que deveriam compor as expectativas de todos os brasileiros. Se aqui a morte é a

¹⁴ Texto retirado da página WWW.globo.com. Acesso em: 15/10/2008.

exaltação de um exemplo de vida, a morte da garota Eloá é narrada, pelo mesmo site, de forma bastante diferente. Acompanhem:

Durante cem horas, o Brasil inteiro acompanha o que acontecia num conjunto habitacional na periferia de Santo Andre, no ABC. Em um dos apartamentos, Lindemberg Alves, de vinte e dois anos, tomado pelos ciúmes, mantinha a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, de quinze anos refém.

Lindemberg, antes considerado calmo pelos amigos, invadiu o apartamento na segunda dia treze de Outubro, por volta das treze horas e trinta minutos. Ele chegou a manter quatro reféns, mas no mesmo dia libertou dois adolescentes que estavam no local para realizar um trabalho de Geografia. No dia seguinte, libertou Nayara. Entretanto, como parte das estratégias de negociação, a adolescente voltou ao apartamento na manhã de quinta feira dia dezesseis de Outubro de 2008.

O jovem chegou a falar em entrevistas por telefone que iria libertar também a ex-namorada, mas as negociações não avançavam. Um promotor de justiça esteve na Sexta-Feira, dia dezessete de Outubro no local com um documento que dava garantia de que o seqüestrador não seria ferido ao se entregar. O advogado do rapaz disse que essa era uma de suas exigências, e havia expectativa de que se entregasse no começo da noite.

Quando a polícia organizava uma coletiva de imprensa para falar sobre as negociações foi ouvido um estrondo. Às dezoito horas e oito minutos, PM afirma que policiais que estavam em que um apartamento ao lado do cativado ouviram um tiro disparado pelo seqüestrador. O grupo de Ações Táticas Especiais (GATE) explodiu a porta e deteve Lindemberg. A adolescente Nayara deixou o apartamento andando, enquanto Eloá, carregada, foi levada inconsciente para o Hospital. A morte cerebral da jovem foi diagnosticada no fim da noite sábado, dia dezoito de Outubro¹⁵.

A morte dela é narrada como tragédia, fato inesperado que aconteceu. A todo momento o caso é discutido procurando-se um culpado para o fato acontecido, sejam eles os policiais, os médicos, a imprensa. A morte não é concebida como algo natural.

¹⁵ Texto retirado da página WWW.globo.com. Acesso em 15/10/2008.

Inclusive, nas homenagens prestadas a ela, em sites de relacionamentos, é feita uma simulação de como seria tratado o incidente se ele não acontecesse aqui no Brasil.

Nesses sites de relacionamento são colocadas opiniões de pessoas que não acreditam na “natureza humana”, como dizem, porque se sentem tristes com a morte de alguém, principalmente se tratando de uma pessoa muito jovem. Ao ver escolas cheias de meninos e meninas de quinze anos, percebe-se que estão cheios de vida, sonhos, sorrisos metálicos, e espinhas na cara. Outros dizem ser antinatural enterrar filhos, pois na lógica os pais morrem primeiro. Para eles, privar alguém tão jovem de futuro é brutal. Outros já apontam para a necessidade de matar Lindemberg, (o acusado), como provavelmente aconteceria nos Estados Unidos¹⁶.

Nos dois casos citados acima emergem outras questões que marcam a sociedade contemporânea. No primeiro caso, a forma como os velhos e a velhice se inserem neste universo social. No segundo, como a sociedade da produção e do consenso lamenta a perda da jovem e condena a violência.

Se a morte é um tema da literatura presente em romances e poesias, se ele é manchete em noticiários de televisão e na imprensa escrita, esse tema também compõe as preocupações das pessoas. Conversei com diversas pessoas a respeito da morte e vou expor aqui aquela que mais se adéqua a uma visão geral. Entrevistada sobre esse assunto Maria Helena, que tem 44 anos, mora em Coromandel, Minas Gerais, assim se expressa:

Polianna – O que é morte pra você?

Maria Helena – Morte pra mim é o fim, para alguns pode não ser o fim, mas para mim o fim da pessoa aqui na terra.

Polianna – Você já viveu a morte de um parente próximo?

Maria Helena – Sim a de um tio e do filho dele que é meu primo. Foram mortes muito próximas, um ano de diferença.

¹⁶ Opiniões pesquisadas no site :[HTTP://shoujo-café.blogspot.com/2008/10/Brasil-feminicidio-ao-vivo-o-que-nos.html](http://shoujo-café.blogspot.com/2008/10/Brasil-feminicidio-ao-vivo-o-que-nos.html) dia 08/12/2008 as 10:15.

Polianna – Você notou alguma diferença significativa nas duas mortes?

Maria Helena – Não. Os velórios foram na minha casa e a minha família só achou ruim pelo fato do meu primo ter apenas 27 anos. Muito jovem pra morrer e ainda mais uma morte trágica como a de um acidente.

Para ela, morte é o fim de uma vida e, quem sabe, o início de outra. Apesar de ser cristã, não tem muita certeza se existe céu e inferno, e não sabe para onde vai quando morrer. Não concorda com o espiritismo, porque segundo ela não faz sentido a pessoa voltar eternamente aqui pra terra, pra fazer “sabe-se lá o que”. Pra ela, morte é o “fim de uma viagem”, Parentes mais próximos a ela que morreram foram seu tio e seu primo, uma morte era “esperada”, porque já era uma pessoa doente, e o outro era um primo que morreu tragicamente num acidente com motocicleta aos 27 anos. Destaca que chegar perto do corpo deu uma sensação de “nada”, era como se fosse um “pedaço de carne”, em que o corpo, o seu parente, não estava mais lá. Claro que existe muita saudade, mas os dois funerais foram iguais, com uma diferença de apenas 1 ano e toda a família agiu de forma igual com os dois. Agiu igual, no sentido do velório ser no mesmo lugar, a quantidade de choro ser a mesma, a construção de túmulos e homenagens. Só a interpretação da morte, no “susto” de uma morte inesperada, na tragédia, é que foi diferente.

Na continuidade da conversa relata que seu primo morreu por um motivo “bobo” e, por isso, a morte foi mais chocante. Mas insiste em dizer que não recebeu tratamento diferente. Para ela, é fundamental que exista um velório, que respeite a “ética” e os “bons costumes” da sociedade, que haja respeito sem muito choro e lamentação, mas também sem resignação. Esses conceitos informam atitudes: não falar auto no velório, mas também não chorar desesperadamente, não usar vestimenta inadequada, que não tenha muitas crianças, se possível só as de braço que dão menos trabalho e não ficam brincando perto do caixão.

Ela ainda comenta que toda família nunca falava de morte, mesmo com o tio doente, na esperança que ele melhorasse e vivesse mais um “tempo suficiente”. Já com

o primo, que era novo, muito menos, nunca se falava em morte, evitavam-se até velórios. Mas acha que temos que conservar o túmulo para que a família o visite, preste suas últimas homenagens, e cuidar do túmulo não como um lugar de representação do morto, mas como representação da saudade. Ela acha extremamente errado ficar mexendo nos corpos, enterrando um morto junto com o outro, ou até mesmo desenterrando o morto, em casos em que a família não compra o terreno. Essa atitude é um desapego, uma afronta, violando o corpo do morto que estava ali.

Também essa noção de proteger os mortos tem em Uberlândia um sentido de esconder as faces da morte. O cemitério Bom Pastor que foi projetado para se envolver por grades, hoje temos uma mureta nas ruas onde passam as linhas de ônibus para que se esconda aquele imenso território de morte. O cemitério São Pedro já tem um muro enorme com cerca – elétrica; o que faz com que muitas pessoas que não conhecem a cidade passem pelos cemitérios (que hoje está dentro da cidade) e não percebam a morte ali representada.

Logo a seguir temos fotos do cemitério São Pedro, a primeira é datada de 1950, e a segunda, de 2009. Nelas vemos claramente a diferença, primeiramente em relação ao muro, que ficou muito maior, depois a instalação de cercas elétricas. Mas existem aspectos que não mudam, como, por exemplo, a disposição dos túmulos – vale ressaltar que é uma disposição antiga – e esse cemitério tem por característica preservar os túmulos como uma lembrança e exaltação da morte.



Cemitério São Pedro – Uberlândia – MG. Foto feita em 05/06/1950. Arquivo Público Municipal.



Cemitério São Pedro – Uberlândia – MG. Foto feita em 15/10/2008. Acervo da autora.

Todas essas aproximações e distanciamentos foram colocadas aqui de forma mais geral. O intuito desse capítulo foi mostrar como coexistem diferentes formas de ver e lidar com a morte. Abordaremos, no próximo capítulo, os significados dos rituais,

envolvendo velórios, homenagens e narrativas de pessoas que viveram situações de morte.

Capítulo 2

Os rituais fúnebres e seus significados

A morte é uma questão filosófica e existencial moderna, mas ao tratar dela temos que tomar cuidado para não vê-la como algo isolado. E acontece em todas as sociedades, em todos os tempos e para todas as pessoas.

Podemos lembrar o autor Feuerbach¹⁷, o autor revela o sentido da Teologia e da Antropologia. Para ele, não existe diferença entre o sujeito, a essência humana e a divina. Os predicados teológicos e antropológicos não têm razão de ser. O livro vai além de uma crítica radical da teologia, ele faz uma demitologização das pretensões teóricas da religião. Faz também uma análise histórica da religião em contraste com a filosofia.

Na concepção de Feuerbach a individualidade está ligada aos valores (no caso, protestantes) e o rompimento com a sociedade. Hoje o homem está só diante de Deus e diante dos outros homens, ou seja, agora ele é inteiramente responsável por sua “salvação”.

Outro autor importante nesse sentido é Philippe Ariès, a morte era uma grande cerimônia pública, um ritual compartilhado por toda a família, e por todos da casa, inclusive empregados e criados. Os medievais sabiam de sua chegada e pressentiam sua vinda com visões que anunciavam morte. Todos tinham que acompanhar a passagem do moribundo inclusive as crianças¹⁸. A morte é vista hoje com tamanha diferença justamente porque não foi domesticada em nossas consciências¹⁹.

¹⁷ Nasceu em Landshut no dia 28 de julho de 1804 em Rechenberg, e morre em Nuremberg dia 13 de setembro de 1872, foi filósofo alemão. Feuerbach é reconhecido pela teologia humanista e pela influência que o pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de teologia para tornar-se aluno do filósofo Hegel, durante dois anos, em Berlim.

¹⁸ ARIÈS, Philippe. *O homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. P. 24 .

¹⁹ _____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. pp. 19-20

Roberto Damatta²⁰ no livro como um todo Roberto Damatta traz a discussão da divisão cultural entre o espaço da rua e o privado. A rua é o lugar do anonimato, a casa ao contrário é o lugar da cordialidade, do contato com o outro. Mas para o autor essa separação não se dá de forma tão simples assim como antes. A ânsia por segurança faz com que a linha que separava o público do privado fique cada vez mais tênue.

Ele alerta para o perigo da generalização, mas a vigilância do espaço privado por câmeras tem se tornado cada dia mais comum, nas ruas, nos elevadores, em todos os lugares, isso de certa forma invade a privacidade das pessoas, porque quando uma pessoa está sozinha em um lugar principalmente fechado age como se estivesse em casa. O autor relata experiências de várias pessoas que já viram outros com comportamentos estranhos, ignorando as câmeras.

O livro também traz o alerta para o verdadeiro sentido das câmeras, que é justamente a vigilância, tanto das ruas como em locais fechados. A discussão central do texto é essa, mas ele também expõe sobre o tema morte, afirmando que é um assunto que tem que ser discutido dentro da sociedade, mas a morte no seu aspecto mais amplo, ou seja, não é tratar o assunto e esquecer o moribundo, e também não é cuidar dos moribundos e não discutir o tema da morte.

A morte para ele é mais um problema existencial moderno. Nas entidades tribais o indivíduo não existe como entidade moral, o todo domina as partes. Segundo ele, todas as sociedades têm que dar conta de seus mortos, mas isso se torna invisível quando tratado por todas as sociedades. Hoje ninguém quer ter contato com os mortos e isso acaba virando função de funerárias, que comercializam todos os serviços para tornar o velório o lugar mais agradável possível para o encontro da família. Por isso a divisão que existe, alguns se preocupando com o morto, outros com a morte: a funerária se preocupa com o morto e as pessoas em suas discussões, somente com a morte.

Quem crê na importância da reflexão sobre a morte, segundo Roberto Damatta, tem uma atitude moderna e destemida diante da vida, tem questionamento científico e uma postura tranqüila em face do que lhe espera algum dia. A forma com o tratamos hoje a morte é bem diferente das sociedades tribais. Lá o sujeito não era visto como

²⁰ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

único e singular, mas analisada a relação entre indivíduos. Falar de morte no Brasil é falar do morto e, se falarmos somente no morto, até a morte se perde, porque, enquanto falamos nele, o imortalizamos revivendo somente os momentos em que ele esteve vivo, e a morte não é isso: é o momento em que o corpo deixa de ter vida, é o oposto da vida.

Falar então de morte é um ato destemido, que inclusive faz questionamentos “científicos”. No Brasil, por exemplo, não se fala de morte, mas fala-se muito em morto, que por sua vez é completamente contraditório. Ao falar de vida, ignoramos a morte que aconteceu e imortalizamos a pessoa.

Diferentemente de outros países, o Brasil, para a maioria, crê que o morto desaparece enquanto ser vivo desse mundo, mas consegue ver, influenciar e até aparecer aos parentes do mundo em que viveu. Assim sendo os parentes têm obrigações para com o morto como, por exemplo, lembrar a data do seu nascimento e do seu falecimento. Como o morto pode nos ver, surge a necessidade de comunicação com ele, daí atribuir sabedoria invejável aqueles que dizem se comunicar com pessoas que não são “desse mundo”. Nessa crença popular os mortos não apareciam só pra pedir, apareciam para se oferecem, mostrando o caminho para tesouros, ou os números da loteria. Então a comunicação seria benéfica para os dois lados.

Tendo em vista todas essas discussões trataremos agora de algumas entrevistas tentando perceber toda essa construção do imaginário existente, assim como as sutilezas e subjetividades presentes em cada relato oral. A relação com os mortos se dá de forma diferente para cada pessoa, e por isso decidi entrevistar pessoas de diferentes lugares e idades, que tiveram ou não experiências traumáticas com a morte. A respeito da análise, tentei considerar a cultura em que cada um está inserido e também a apropriação do conceito de morte colocado por cada pessoa. Nesse sentido, procurei identificar na fala dos entrevistados sentidos e símbolos criados pelo homem para lidar com a morte tendo em vista sua descrição de alguns conceitos e dos próprios rituais fúnebres.

Encontrei nas narrativas diversas formas de extravasar a dor e mascarar sentimentos para apresentá-los à sociedade. Alguns choravam na entrevista lembrando as pessoas que perderam, outras não conseguiam responder algumas questões justamente por não terem familiaridade com a morte. E o mais interessante é como

ainda se faz presente e atual a visão de Phillipe Áries sobre o comportamento humano diante da morte:

“Uma dor demasiado visível não inspira pena, mas repugnância; é um sinal de perturbação mental ou de má-educação, é mórbida. (...) o luto solitário e envergonhado é o único recurso, como uma espécie de masturbação...”²¹

Em todas as entrevistas feitas com pessoas mais velhas, elas afirmam que a morte social começa antes da morte física com toda a exclusão e humilhação a que são submetidas. Devido o modo de produção capitalista em que o ser humano é descartado quando não produz e não consome muita coisa, é que essas pessoas são relegadas ao esquecimento e à margem dos acontecimentos da sociedade. Podemos perceber isso na entrevista com a Senhora Maria de Fátima, de 49 anos, que apesar de não estar na terceira idade mostrou isso claramente na seguinte fala:

“(...) Hoje como não tenho mais condições de trabalhar por causa de doença, sinto que a sociedade já começa a colocar a gente de lado, como se a gente não tivesse mais serventia. Meu marido que ainda trabalha coloca na minha cara toda hora que só porque eu só arrumo casa não trabalho. E minha filha acha que eu tenho que fazer tudo pra ela, lavar, passar, cozinhar, e comprar coisas e emprestar dinheiro pra ela, por que ela diz que como não saio, não preciso de nada novo mesmo (...)”²²

No caso de Maria de Fátima, a sua “morte social” é percebida pela sua não inserção no mercado de trabalho, transformando-se em uma mão-de-obra não remunerada para a própria família. A sua fala indica como o trabalho remunerado continua sendo um valor e como ele separa as pessoas no social.

²¹ ARIËS, Phillipe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Lisboa: Editora Teorema, 1977, p. 55.

²² Entrevista com a sr^a Maria de Fátima Nascimento da Costa, 49 anos, concedida em 05/01/2009. Guimarães – MG.

As entrevistas feitas com pessoas com mais idade foram, sem dúvida, muito enriquecedoras, porque lidam ao mesmo tempo com o presente e o passado. Elas conseguem responder todas as perguntas colocadas e elaboram uma diferença dos rituais fúnebres de “antigamente” e com os presenciados hoje. Além disso, colaboraram com avaliações sobre o morrer e o lidar com a morte.

Hoje a morte acontece de forma muito isolada, quase que secreta, devido ao isolamento proporcionado pelos hospitais que retiram os moribundos da convivência com a sociedade e até daqueles que são próximos, estabelecendo, a todo o momento, horários rígidos e determinadas posturas, como se as pessoas, durante todo o resto do dia, não precisassem de afeto, sendo este suprido no horário de visitas.

Quando chega a morte, as funerárias equipadas para disfarçar e camuflar a morte, ao invés das cantigas que abriam a entrada aos céus agora entoam músicas. Às vezes o ambiente fica deturpado e torna-se até ponto de encontro para familiares que não se viam a muito tempo. Essa afirmação também fica clara no momento que entrevistava a senhora Maria de Fátima. Uma vizinha dela, de apenas 10 anos, observava atentamente as minhas perguntas e as suas respostas, quando em determinado momento ela fala que *“gosta de velórios, não tem muitas crianças como eu, mas tem muitos risos, comida boa e as pessoas parecem felizes”*²³.

A morte hoje é uma mercadoria das funerárias que tentam proporcionar comodidade. Conforme descrito por Ariès: *“tanto o clero e a família, como os médicos ou enfermeiras liberadas, graças a ela, do morto na igreja, em casa e no hospital”*²⁴ o que é apresentado pelas funerárias é uma “não morte”, justamente porque vendem uma imagem da vida, imputado uma beleza para o morto e um ambiente que não comporta choro e nem desespero. O caixão sempre muito enfeitado, escondendo a maior parte do corpo, a pequena parte que fica fora passa por uma transformação estética até maior do que a proporcionada pela vida. Às vezes, no caso de uma morte trágica, o caixão é lacrado para não causar uma impressão ruim aos familiares, portanto o contato que a sociedade tem com a morte é muito tênue, justamente porque a morte, como temos hoje, não é a morte, mas é a celebração da vida.

²³ Fala de Kátia Alves, 10 anos – Guimarães - MG

²⁴ ARIÈS, P. *O homem Diante da Morte*. 1990. P. 653.

Quando o moribundo pressentia a sua morte, e a aceitava como algo natural, avisava aos parentes e amigos, quando isso não era possível a visita era feita em “sonhos”. Assim como narra Maria de Fátima Vilarinho:

*“Quando estava prestes de minha irmã morrer, eu fui dormir na casa dela e sonhei com o velório dela, então quando foi lá pela meia noite, vieram me acordar pra dar a notícia, eu levantei e já falei para não medirem as palavras, pois ela já estava morta, pois havia sonhado com isso.”*²⁵

Então a entrevistada disse que reagiu com mais calma, pois havia sido avisada pela própria irmã. De alguma forma essa experiência se transformou ou proporcionou um sentimento de aceitação.

A morte, em meados do século XX, tinha outro significados. Era comum as crianças relatarem ter visto a imagem de mortos, que apareciam inclusive com os trajes em que foram enterrados. A morte conferia à pessoa certo status que, de certa forma, tentava até igualar todos os mortos. Usava-se muito a expressão “abotoar o paletó”²⁶, justamente porque nesse momento a pessoa realmente vestia um paletó azul escuro que só era usado em ocasiões especiais, como o dia do próprio casamento: assim, o que o morto não teve condições de vestir em vida vestia na morte. As mulheres também vestiam um vestido azul que possuía uma capa em forma de túnica na cabeça, trazendo à tona a devoção católica. As solteiras e necessariamente virgens eram vestidas com um vestido branco e com um véu também branco que mudaria de cor caso a moça não fosse mais “pura”, fato também esse que vinha contra o alto índice de mulheres que suicidavam após seu primeiro contato sexual, estando ainda solteiras. Nesse caso, nem a morte conseguiria apagar o pecado aos olhos da sociedade.

Ainda nesse contexto anterior, a última visão do morto era de uma importância fundamental e por isso ele trajava roupas que muitas vezes não correspondiam ao seu estilo de vida (financeiramente falando). Não podemos saber se isso se dava pela importância que tinha a morte ou se era justamente mais uma peça do ritual que deveria

²⁵ Frase da entrevistada Maria de Fátima Vilarinho, 50 anos – Uberlândia – MG, em entrevista concedida em 10/01/2009.

²⁶ Expressão proferida na entrevista com Maria Aparecida Alves – Coromandel – MG- entrevista concedida em 15/01/2009

ser cumprido. Como a morte é única na vida de ricos e pobres, nesse momento deveriam igualá-los a todos. Nesse sentido a entrevista com Vanessa Aparecida traz esses elementos:

“Me lembro perfeitamente dos meus avós me dizerem que na hora da morte tínhamos que respeitar os mortos colocando neles roupa adequada, e se a família tem dinheiro fazendo um túmulo bem bonito porque vai ser a nova morada dele, e os filhos vão ficar com a casa que era deles. Meus avós achavam importante comprar um terreno em bom lugar no cemitério, e quando morreram já deixaram pré-definido como seriam os caixões, as flores, a comida a ser servida, o lugar do velório, então quando eles morreram, nós já estávamos conformados pois sabíamos que eles esperavam a morte.”²⁷

Assim, para chegar até o juízo de Deus, principalmente as pessoas com mais idade, como foi colocado no relato anterior, elas tinham que estar em boas condições e deixar na terra familiares preparados emocionalmente, porque um familiar que ficasse desesperado com a morte do outro atrapalhava sua alma a encontrar o céu, como fala Maria de Fátima Vilarinho:

“Quando meu vô morreu eu tinha muito medo de alma penada, daí eu não queria atrapalhar meu avô a ir pro céu e rezei pra ele pedindo que levasse com ele meu medo, e ele levou, assim nunca mais tive medo e também não atrapalhei a vida dele.”²⁸

Principalmente para as mulheres casadas e já com filhos que morriam era exigido um traje que cobrisse todo o corpo (isso acontecia principalmente na zona rural). Para as moças, seu vestido era do mesmo formato, porém branco para expressar sua pureza: as crianças também eram vestidas de branco e de preferência até as rosas no caixão eram brancas. A roupa então contém um aspecto de seriedade, de compostura, devidamente abotoado e comprido.

²⁷ Parte da entrevista com Vanessa Aparecida Alves de 27 anos – Coromandel – MG – entrevista concedida em 17/01/2009.

²⁸ Frase da entrevistada Maria de Fátima Vilarinho, 50 anos – Uberlândia – MG, em entrevista concedida em 10/01/2009.

Além disso, percebemos em todos os relatos sobre a morte uma postura premeditada para o isolamento, afastando-se da morte em si e do morrer. Isso também estava diretamente relacionado com os cemitérios que discutiremos mais aprofundadamente no próximo capítulo. À medida que os cemitérios vão ocupando espaços cada vez mais para fora da cidade, justamente porque a morte começa a incomodar nas igrejas e nas suas representações, ela é lançada, junto com os cemitérios, para locais mais afastados. Mas como as cidades crescem no seu espaço físico, o que era distante passa a ficar próximo. Muitos cemitérios foram transferidos, como os novos apresentam novos projetos, como vemos.

Esses fatores também são observados no isolamento dado aos moribundos. A maioria dos entrevistados não sabe como tratar uma pessoa prestes a morrer, justamente porque a morte o constrange. Por causa disso, essas pessoas são relegadas aos hospitais, tendo contato apenas com médicos e enfermeiras que, de forma robotizada, tratam mais um paciente.

A mídia impressa e televisiva traz também a morte de forma bem diferente dependendo da idade da pessoa que morre. Por exemplo: se for uma pessoa nova, a morte é noticiada ressaltando sua juventude e o que a pessoa poderia ainda fazer da vida se não tivesse morrido. Agora, se for uma pessoa idosa, ela apresenta seus grandes feitos, conquistando assim uma imortalidade não só para o morto, como para seus atos, retirando totalmente qualquer ato impensado ou errado que a pessoa tivesse cometido, como discutimos no capítulo 1.

Na década de 50, um costume freqüente, principalmente na zona rural, era de dar um choque térmico no morto com água fria, para ajudar a “endurecer as juntas”. Esse procedimento era fundamental para certificar que o morto não tinha mais nenhuma esperança de vida, mas, acontecia do corpo do morto ficar deformado. Não era muito cobrada a aparência estética no momento do velório. Hoje já vemos exatamente o contrário, as funerárias especializadas dão uma beleza ao morto que chegam a aparentar total saúde: a maquiagem devolve ao morto uma beleza que às vezes nem a vida o proporcionou.

O próprio caixão era fabricado no momento em que se descobria que alguém tinha falecido, então era encomendado e o velório só acontecia com o caixão pronto, ou

seja, o morto esperava por isso. Hoje as funerárias já preparam tudo. O fato de imaginar uma pessoa em vida encomendando seu próprio caixão é por muitas vezes assustadora e abominada por muitos, embora esse procedimento ainda permaneça. Para exemplificar isso temos a entrevista com Laércio Flaviano que em uma parte da narrativa relata suas lembranças sobre a morte do pai:

“Quando meu pai morreu eu ainda era bem criança, mas lembro do meu pai deitado, esperando que o caixão ficasse pronto. O velório aconteceu bem rápido porque já fazia mais de 1 dia que ele tinha morrido. E as pessoas aguardavam até que ficasse pronto, hoje não consigo conceber a idéia de fazer um caixão pra mim em vida, nem faço planos funerários, não gosto nem de pensar em morte, acho que a gente atrai ela.”²⁹

O próprio calçado era colocado no morto mesmo nos casos em que isso era acessório de luxo, só usado em ocasiões especiais, uma vez que era desconfortável e apertava os “calos”. A prática de calçar o morto foi sendo abandonada aos poucos, justamente porque não fazia mais sentido calçar um pé que iria ficar encoberto no momento do velório, e também pelas suspeitas de que se nascemos descalços não podemos voltar para o céu calçados, isso atrapalharia a entrada e a aceitação na morada celeste.

Muitas vezes o velório durava muito tempo devido à crença que a morte só estava completa quando o corpo começasse a se desintegrar, então usavam certos artifícios para superar o mau cheiro exalado pelo morto, como por exemplo, um travesseiro com folhas de laranjeira rasgadas ou uma chave sobre o morto. Segundo as crenças, isso poderia retardar o mau cheiro intenso. As próprias conversas no velório eram cheias de muita censura e certas conversas nunca poderiam existir perto do morto. Na sua monografia Ivonilda Lemes ressalta esses rituais:

“A garantia de que a natureza esperaria esse tempo necessário era retirado dela mesma. Colocava-se, sob a cabeça do defunto, um travesseiro cheio de folhas de laranjeira rasgadas. Seu cheiro tinha a função de sobrepor aos odores que poderiam exalar do cadáver. Artifícios não naturais, como o uso de

²⁹ Entrevista de Laercio Flaviano Machado, 46 anos, entrevista concedida em: 06/01/2009- Uberlândia – MG.

*uma chave sobre o cadáver poderia – acreditavam alguns – evitar o inchaço do corpo.*³⁰”

O próprio sentido do velório vem se perdendo, porque velar significa iluminar o caminho do morto até o céu. Hoje o velório se tornou ponto de encontro de familiares e amigos do morto, presenciando um momento nostálgico da vida ao enterrar mais alguém. A luz tem um poder sobrenatural principalmente para guiá-lo até o céu, para os católicos. Já para os espíritas essa não tem efeito benéfico e não influencia no momento da morte.

Os rituais não se restringem apenas ao morto. Muitos familiares cultivavam ritos que ajudavam a levar o medo, evitando que não acontecessem novas mortes na família como, por exemplo, varrer três vezes a casa para o lado de fora. Até mesmo para perder o medo de que o morto viesse assombrá-los, se jogava 3 punhados de terra no caixão, ou dava-se 3 voltas em torno dele e a pessoa saía pelo lado contrário ao que entrou³¹. Após a retirada do morto da residência, eram tomados muitos cuidados, porque se a morte fez visita a pouco, os familiares não podiam de forma alguma limpar a casa, porque isso retirava qualquer aspecto do morto da residência e a morte enfurecida podia voltar e levar consigo mais um parente.

Alguns rituais ainda permanecem até os dias atuais como, por exemplo, a missa de sétimo dia que, segundo o catolicismo, ajuda a separar alma e matéria e também é bastante válida caso a alma não tenha ido para os céus e tenha ficado presa ao purgatório. Portanto, a oração e a missa de sétimo dia iluminariam a alma do falecido até os céus.

Todos esses aspectos analisados, distanciamentos e contradições, não são no sentido de caracterizar o certo e o errado, mas somente analisar e tentar perceber a causa de tantas mudanças em tão pouco tempo. Então pensar os relatos orais, o morto, os cemitérios, os velórios tem essa intenção de perceber para que rumo se dirige os

³⁰ LEMES, Ivonilda. *“a morte volta pela janela – Representações da morte na Contemporaneidade”*. Monografia. Uberlândia: UFU, 1998. P. 51

³¹ Dados retirados de: LEMES Ivonilda. *“a morte volta pela janela – Representações da morte na Contemporaneidade”*. Monografia. Uberlândia: UFU, 1998.

sentimentos, os comportamentos do homem social diante da morte, tanto sua como dos seus.

Mas também existe permanência de comportamentos como, por exemplo, as coroas de flores com homenagens e os “Santinhos”. Essas coroas sempre simbolizaram sentimento, emoção e homenagem para quem parte, são feitas dos mais diversos materiais para expressar diferentes sentimentos, tanto para com o morto quanto para a família. As flores têm esse sentido de às vezes falar pelas pessoas, demonstrando os préstimos e as considerações. Os “santinhos” trazem um convite à oração e intersecção aos santos por aqueles que foram. As lembranças póstumas são confeccionadas após a morte do parente querido sempre com mensagens de consolo e exaltação do morto, nunca contando ou fazendo menção as que ele possa ter feito de errado.



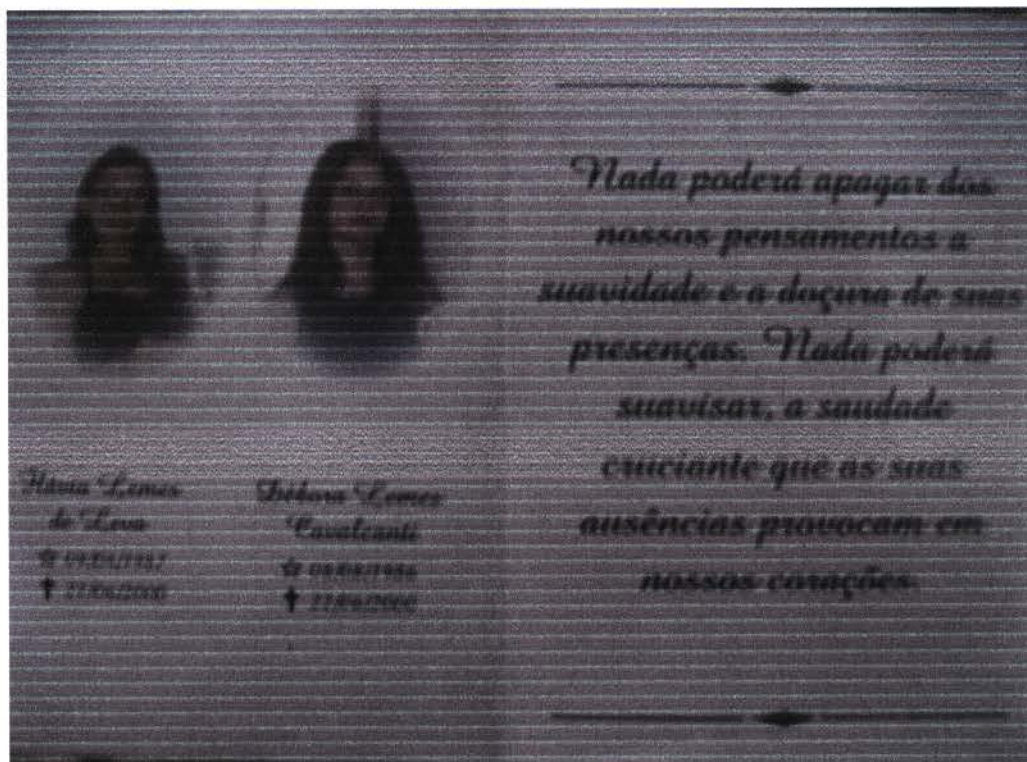
Lembrança póstuma de Aurora David Vilarinho – Uberlândia/MG. Data de nascimento: 02-07-1922 / Data de Falecimento: 30-11-2008. Acervo da autora³².

³² São esses os dizeres da lembrança póstuma:

Um dia ...

Deus criou-me, deu-me a vida, uma família, amigos, vizinhos e excelentes profissionais para dar sustento ao meu corpo e ao meu espírito.

Conheci o valor de ter pessoas ao meu lado, para que eu pudesse amá-las e ser amada!



Lembrança póstuma de Flávia Lemes de Leva e Débora Lemes Cavalcanti – Uberlândia – MG.
Data de nascimento da Flávia: 09-04-1987/ Data de falecimento: 22-06-2000. Data de nascimento da Débora: 08-08-1986 / Data de falecimento: 22-06-2000.

O homem é o único animal que ainda preserva esse espírito de chorar pelos seus mortos e também de tentar a todo custo manter viva sua memória, em uma forma de imortalidade. Diante disso fazemos mais um questionamento: então porque não se

Com Joãozinho, meu esposo, partilhei o meu amor; muitas graças colhemos junto de nossos amados filho que nos deram os netos e bisnetos, que amamos sem medida, colhendo alegrias e satisfação!

Estando ou não juntos, cotidianamente estávamos conectados: em Espírito, em Oração, em Cristo Jesus, no Espírito Santo!

Apreendi muito e com muitos, ensinei o que soube com o tempo e o que adquiri buscando. A minha fé em Deus foi enraizada no coração de cada filho e filha tornando-se o meu real sustento de vida, a certeza do amor Divino!

Vivo imensamente a promessa da vida eterna, que deu sentido à minha vida. Louvada seja a ressurreição de cada um de nós na realização da plenitude da vida!!!

Parto levando uma imensa e sublime bagagem de amor e afeto!

Deixo a minha gratidão, o meu abraço e a minha saudade!

“Bendito seja o nome do Senhor agora e para sempre.

Desde o amanhecer ao pôr do sol, seja louvado o nome do Senhor” Salmo 112, 2-3.

abandona o morto, mas sim o moribundo? Talvez essa seja uma questão que passa por todo o texto, mas sem intenção de resposta, devido a sua complexidade e diferentes apropriações.

Capítulo 3

A arquitetura dos cemitérios

Os cemitérios de Uberlândia já passaram por grandes transformações, principalmente no deslocamento para o fim da cidade. Na década de 1980, temos as maiores mudanças, principalmente com a desativação do cemitério São Paulo, que ocupava uma área onde hoje é o hipercentro de Uberlândia. A remoção dos corpos se deu de forma bastante pacífica. Hoje temos na cidade 2 cemitérios: São Pedro e Bom Pastor (ver no anexo 1 a localização dos cemitérios).

A desativação foi justificada pelo poder público Municipal, com a construção do cemitério Bom Pastor, que seria “maior e melhor”, e atenderia melhor a cidade além dos cemitério São Pedro que na época já estava com sua capacidade esgotada. Mas desde a monografia da Ivonilda Lemes³³, já vinha defendendo que esses fatores defendidos pela Prefeitura não são suficientes para tal decisão, porque existe a “rotatividade”, em que a ocupação dos solos dá lugar a outras pessoas nas sepulturas dos antigos mortos.

Os administradores da cidade parecem se empenhar muito em manter a cidade num ritmo constante de modernidade e a morte não tem lugar nesse tipo de sociedade. É preciso “exorcizar”, tirar todo vestígio da morte que já convivia no mesmo espaço que a vida, isolando-a em locais determinados.

Em nome da modernidade, os dirigentes não têm interesse em manter os mortos aos olhares dos vivos. As sociedades, por exemplo, nos séculos XVI e XVII, mudaram a localização dos cemitérios nas cidades. Os médicos higienistas apelavam para a necessidade de afastar os cadáveres da sociedade porque exalavam pútridos que eram capazes de alterar a saúde³⁴.

O cemitério Bom Pastor tem uma especificidade quando comparado aos outros, pois não tem o concreto, que é morto e duradouro, mas há predominância das gramas

³³ LEMES, Ivonilda. *A morte volta pela janela – Representações da morte na Contemporaneidade*. Monografia. Uberlândia: UFU, 1998. P. 22.

³⁴ ARIËS, P. *O homem Diante da Morte*.

que sempre se renovam a cada estação, fruto dos projetos contemporâneos. Em nome da saúde pública, os cemitérios de Paris também têm esse formato. A aparência fica bem próxima de um jardim, com isso estamos retirando os mortos e as “coisas da morte”.

Quando o campo Bom Pastor foi construído era cercado por grades apenas, hoje nas ruas que passam as linhas de ônibus já temos a construção de uma mureta e sobre ela é colocado a grade e quem não conhece a cidade, e passa pela rua, não identifica ali um cemitério. Dentro do cemitério tudo é uniforme, inclusive os túmulos, que contém pequenas ondulações onde estão depositados os mortos, em um campo que cabe mais de 60.000 pessoas.

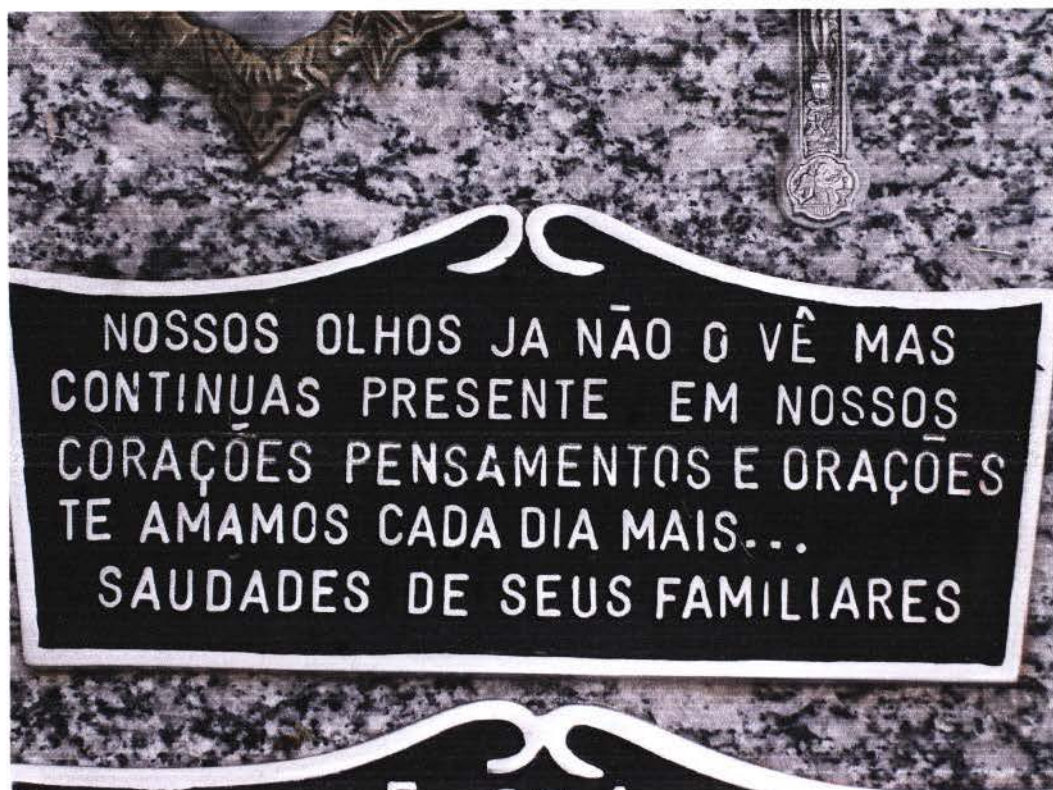


Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Interior do cemitério. Foto tirada em 22/10/2008.
Acervo da autora.



Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto feita em 22/10/2008. Acervo da autora.

Neste cemitério não é autorizado a construção de mausoléus. Na sua homogeneidade, placas, que contêm pequenas frases de saudades, representam uma especificidade em túmulos tão iguais. As imagens abaixo retratam as relações familiares, onde quem partir é sempre louvado.



Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto feita em 22/10/2008. Acervo da autora.



Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto tirada em 22/10/2008. Acervo da autora.

Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto tirada em 22/10/2008. Acervo da autora.

O oposto vemos no Cemitério São Pedro, que possui formas arquitetônicas diversas em sua construção, com monumentos e jazigos grandiosos. Esses ficam a altura dos nossos olhos, são monumentos grandiosos onde a morte se apresenta mais escancarada do que no Cemitério Bom Pastor, quando temos que direcionar nossos olhos para o chão procurando algum resquício da lembrança da morte. Com esta comparação, podemos inserir perfeitamente a análise Steven Connor para pensarmos o cemitério Bom Pastor: Para o autor, “(...) afastamento da arquitetura pós-moderna da uniformização desumanizante, de um modernismo cuja linguagem técnica dependia da produção em massa padronizada, na direção de novas linguagens híbridas de diferença e pluralidade (...) produz, não uniformidade, mas diferença”³⁵. Assim, podemos ver que certos tipos de uniformização acabam excluindo. Na cidade existe uma crença popular de que o cemitério Bom Pastor é o cemitério dos pobres, de quem não tem condição financeira de fazer um túmulo ou jazigo, enquanto o Cemitério São Pedro é destinado aos que tem poder aquisitivo, de mostrando nos mausoléus ali existentes.



Cemitério São Pedro – Uberlândia/MG. Jazigo de Família. Foto feita em: 15/10/2008. Acervo da autora.

³⁵ CONNOR, Steven. *Cultura pós-Moderna: Introdução às teorias do Contemporâneo*. Edições Loyois. P. 69.

O cemitério São Pedro é formado por um mix de imagens e esculturas arquitetônicas, tendo como matéria-prima as mais variadas rochas, prevalecendo esculturas escuras nos túmulos e jazigos de adultos, e nos túmulos infantis imagens de santos, sempre em tons de branco, com vários anjos transmitindo a paz. É mais convidativo justamente por essa variedade de túmulos e formatos em cada rua que se passa. Logo na entrada temos os mais grandiosos túmulos e jazigos: esse grau de beleza vai diminuindo à medida que caminhamos para o final do cemitério, onde encontramos túmulos individuais e simples, sem nenhuma escultura ou diferenciação, quando muito apenas o nome marcado no concreto.

Essa análise já descarta de imediato a crença popular de que o cemitério São Pedro é destinado para uma determinada classe de Uberlândia, porque lá é permitido a construção de jazigos perpétuos. Mas existem túmulos que não são assim, além disso, lá também existem aquelas pessoas que não têm a posse do terreno e por isso só podem permanecer 5 anos ocupando o lugar.

Apresentação da memória não é extensiva a todos do cemitério, para alguns até é algo pernicioso, em que o anonimato é a melhor homenagem, não tem importância de valor acumulada na vida.



Cemitério São Pedro – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto tirada em 15/10/2008. Acervo da autora.

Mas também existe no cemitério São Pedro outras esculturas que fazem questão de mostrar a morte, e suas facetas em relação à vida. Na figura a seguir é representada a morte levando mais uma vida consigo: é importante perceber essas aproximações e esses distanciamentos que são típicos de cada família.



Cemitério São Pedro – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto tirada em 15/10/2008. Acervo da autora.

Todas essas são concepções construídas dentro de cada família como valores morais, então cada família vai representar a morte de uma maneira mais confortável e que exalte as qualidades do familiar que morreu. Alguns não acham bom celebrar a morte, mas sim a vida, então na “lembança póstuma”, no túmulo, só ressaltam momentos que a pessoa passou, grande fatos acontecidos no trabalho, ou em casa.

Uma grande preocupação hoje da Prefeitura Municipal é quanto a lotação dos cemitérios. Localizados em terrenos fechados, não estão mais correspondendo às necessidades de uma cidade que apresentou, no último censo, uma população em torno

de 600.000 habitantes. O site da Globo.com³⁶ noticiou, em 2009, que os cemitérios de Uberlândia já estão com sua capacidade máxima, que as pessoas que não compraram seu terreno terão dificuldades para enterrar os mortos. A situação do cemitério São Pedro é mais complicada: só podem acontecer enterros nos jazigos já existentes. No cemitério Bom Pastor a permanência é de 5 anos. No cemitério São Pedro são 14.800 vagas e há muito tempo não são abertas novas sepulturas. O morto fica enterrado por cinco anos e depois seus ossos são reunidos e levados para uma ossada. Segundo esse site, em no máximo cinco anos esse cemitério também vai estar com sua capacidade esgotada. Hoje a única área disponível é no Cemitério Bom Pastor para arrendamentos.

Outra preocupação é quanto às invasões e roubos nos cemitérios, que exigem ações para garantir a segurança nesses locais. Sobre o reforço da segurança no cemitério São Pedro, uma reportagem³⁷ noticia sobre a instalação da cerca elétrica e o reforço do monitoramento de câmeras. Segundo o site, a ação visava coibir vândalos. Foram instaladas 16 câmeras de monitoramento, tudo feito pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos em outubro de 2008.

Além dos serviços que já são feitos no cemitério como limpeza geral, capina, poda de árvore, pintura de meio-fio, recuperação do asfalto, sinalização horizontal nas ruas foi realizada a reforma no acesso ao cemitério, reforma do muro, instalação de grades, reparos na iluminação externa, pintura de túmulos, consertos de falhas estruturais causadas pela ação do tempo e jardinagem.

O cemitério Bom Pastor foi criado em 1978, estão sepultadas lá mais de 46 mil pessoas. Já foi ampliado em 10 mil sepulturas e gavetas. O cemitério São Pedro foi criado em 1928, e tem mais de 15 mil sepulcros. Nos dois cemitérios já foram trocadas as lâmpadas brancas (vapor de mercúrio), por pelas amarelas (vapor de sódio) que são mais econômicas.

Na sua maioria, os cemitérios possuem um traçado semelhante ao das cidades: ruas alinhadas, arborização e edificação. A sua constituição possibilitou mantê-los como

³⁶ Texto adaptado do site : <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL466583-5598,00.html>. Acesso em : 26/03/2009.

³⁷ Texto adaptado do site : <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/noticia.php?id=2401>. Acesso em : 26/03/2009.

espaços onde o sagrado, os preceitos religiosos e os valores continuam em uma integração com a cidade, mas ao mesmo tempo separados dela.

Os cemitérios substituíram o costume de enterrar os mortos nas igrejas. Nelas, o indivíduo estaria mais próximo de Deus, portanto, também para a possível entrada no Paraíso. A reordenação do espaço urbano baseada nas preocupações higienistas altera a forma da relação entre vivos e mortos. Era necessário higienizar a morte segregando-a em cemitérios. Essa morada dos mortos é então apresentada como o “lugar do repouso eterno” daqueles que já cumpriram sua missão na sociedade. Esta pelo menos é a explicação de muitos que vão a esses locais referenciar seus mortos.

Considerações finais

Sem dúvida alguma chegar ao termino dessa pesquisa nos faz pensar sobre o aprendizado que ela me proporcionou. Acho que tudo foi válido nesse processo tanto o apoio recebido, como as críticas. Embora o tema seja “mórbido”, em que a maioria das pessoas acha estranho ou não gosta de falar, encontramos com facilidade toda a documentação e não faltou pessoas prontas a prestar suas considerações, o que me surpreendeu tanto por essa intervenção no silêncio, quando ao perceber mais nitidamente que vivemos em uma sociedade que não dá valor às experiências cultivadas durante décadas, pois muitas pessoas nas entrevistas demonstravam claramente a solidão que cerca os idosos.

Tenho muitas lembranças póstumas justamente de pessoas as quais eu entrevistei, que me deram de bom grado as lembranças de toda família. Analisando todas percebo que é retratado na maioria delas, uma representação da vida, são agradecimentos pelo que as pessoas foram em vida. O próprio momento de morte em si não é retratado, o que é explicitado é o desejo de ver esse parente nos céus como se fosse uma continuidade da trajetória na terra. Para exemplificar reproduzo um impresso que tem os seguintes dizeres: *“Foi um bom marido e ótimo pai. Não teve profissão privilegiada, nem ótimos salários, porém do fruto do vosso trabalho e da complementação da mamãe, consegui criar os filhos e dar o necessário para que cada um encontrasse a estrada a seguir”*

Assim cada lembrança tem sua especificidade, mas esse sentido é unânime. O que se ressalta são os fatos positivos, deixando completamente à margem algo que de ruim possa ter feito, e todos deixam bem claro a esperança de ver o parente querido, seja nos céus ou em outra vida. Parece que nesse momento as pessoas que se dizem sem crença religiosa se rendem ao cristianismo, na esperança que Deus lhes restitua a companhia da pessoa amada.

No início da pesquisa um dos temas que seria tratado por mim era a eutanásia, mas para tornar o trabalho viável para um ano adiamos esse tema para, quem sabe, um trabalho futuro. Sabemos que hoje presenciamos a “exorcização” da morte, fato esse

que não diz respeito à sociedade, pois todos somos mortais, então a finitude da vida é um fato extremamente normal, mas para ficar longe da morte as pessoas têm fome de viver, não se importando muito com a maneira como essa vida pode acontecer, às vezes nem tão agradável como parece.

Esse estudo não teve por objetivo elaborar nenhuma verdade, no sentido de preconceito de vida a ser seguido. Assim como não quero encerrar com um ponto final, pois saio com mais questionamentos do que respostas produzidas dentro desse período de reflexão. Penso que nossas verdades podem ser reelaboradas a todo instante partindo de outras questões e por isso a minha intenção de também trabalhar com a eutanásia, que possibilitaria pensar em outros desdobramentos acerca da morte e poderíamos encontrar outros valores a serem analisados.

É um princípio Constitucional que a pessoa tenha dignidade de pessoa humana como fundamento do direito à morte digna. Essa concepção liga a pessoa à necessidade de conduzir sua vida e realizar sua personalidade conforme sua própria consciência, desde que não sejam afetados direitos de terceiros. Esse poder de autonomia muitos perdem nos momentos finais da vida.

O avanço da medicina, quanto às tecnologias à disposição do médico, tem provocado não apenas benefícios à saúde de pessoas, mas, também, em alguns momentos, todo esse aparato tecnológico pode acabar afetando a dignidade da pessoa. Esses avanços abrangem, sobretudo, o controle do processo de morte.

Biologicamente, certos órgãos das pessoas podem ser mantidos em funcionamento indefinidamente, de forma artificial, sem qualquer perspectiva de cura ou melhora. Alguns procedimentos médicos, ao invés de curar ou de propiciar benefícios ao doente, apenas prolongam o processo de morte. Portanto, cabe indagar: se trata, realmente, de prolongar a vida ou de prolongar a morte do paciente terminal?

Há situações em que os tratamentos médicos se tornam um fim em si mesmo e o ser humano passa a estar em segundo plano. A atenção tem seu foco no procedimento, na tecnologia, não na pessoa que padece. Nesta situação o paciente está em risco de sofrer medidas desproporcionais, pois os interesses da tecnologia deixam de estar subordinados aos interesses do ser humano.

Neste momento, em uma época consciente, mais que nunca, dos limites do científico e das ameaças de atentado à dignidade humana, a obstinação terapêutica surge como um ato profundamente anti-humano e atentatório à dignidade da pessoa e a seus direitos mais fundamentais.

Hoje, reivindica-se a reapropriação da morte pelo próprio doente. Há uma preocupação sobre a salvaguarda da qualidade de vida da pessoa, mesmo na hora da morte. Reivindica-se uma morte digna, o que significa a recusa de se submeter às tecnológicas que só fazem prolongar a agonia. É um apelo ao direito de viver uma morte de feição humana, significa o desejo de reapropriação de sua própria morte, não objeto da ciência, mas sujeito da existência.

Por isso, o fundamento jurídico e ético do direito à morte é a dignidade da pessoa humana. O prolongamento artificial do processo de morte é alienante, retira a subjetividade da pessoa e atenta contra sua dignidade enquanto sujeito de direito.

O conceito de dignidade humana é categoria central na discussão do direito à morte digna. Este conceito leva a indagações como: o prolongamento artificial da vida vegetativa não representa uma manipulação que viola a dignidade? Certos tratamentos, não necessários, não ultrajam a dignidade da pessoa?

Fontes

Textos de internet:

Saudade. Texto retirado do site: <http://recantodasletras.uol.com.br/poesiasdedicatorias/817319>. Acesso em: 15/11/2008.

Mãe. Texto retirado de <http://WWW.releituras.com>. Acesso em: 01/11/2008.

“À espera da morte....” Texto retirado de: <HTTP://WWW.assirio.com/autor>. Acesso em 10/11/2008 -

Morte de um amigo. Texto retirado do site: <http://sitedepoesias.com.br//Poema> escrito por Bruno Dias//Acesso em: 23/10/2008.

Morte de Eloá. Texto retirado da página www.globo.com. Acesso em: 15/10/2008.

Entrevistas:

Entrevista com a senhora Maria de Fátima Nascimento da Costa, 49 anos, concedida em 05/01/2009. Guimarães – MG. (Feita por motivo da perda do seu pai ainda criança).

Entrevista com Maria de Fátima Vilarinho, 50 anos – Uberlândia – MG, concedida em 10/01/2009. (entrevista concedida pela perda recente de sua mãe.)

Entrevista com Maria Aparecida Alves – Coromandel – MG-entrevista concedida em 15/01/2009 (entrevista concedida pela perda de familiares)

Entrevista com Vanessa Aparecida Alves de 27 anos – Coromandel – MG – concedida em 17/01/2009. (perda de familiares).

Entrevista com Laércio Flaviano Machado, 46 anos, entrevista concedida em: 06/01/2009- Uberlândia – MG. (perda do pai que ele assistiu morrer aos sete anos de idade.)

Entrevista com Jean Carlo Vilarinho Diaz, 40 anos, concedida em: 10/01/2009.

Entrevista concedida em Uberlândia-MG (perca da mãe e da avó recentemente).

Entrevista com Estrela Vilarinho Guimarães, 52 anos, concedida em: 10/01/2009.

(entrevista concedida pela perda recente da mãe).

Entrevista com Jardel Rodrigues, 20 anos, concedida em: 15/12/2008. (entrevista

concedida pela razão de não ter ainda perdido ninguém próximo a sua família).

Fotos:

Cemitério São Pedro – Uberlândia – MG. Foto feita em 05/06/1950. Arquivo Público Municipal. Foto com vista aérea do cemitério

Cemitério São Pedro – Uberlândia – MG. Foto feita em 15/10/2008. Acervo da autora. Foto da parte externa do cemitério

Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto feita em 22/10/2008. Acervo da autora. (foto de um túmulo).

Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto feita em 22/10/2008. Acervo da autora. (Foto de placa de um túmulo).

Cemitério Bom Pastor – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto tirada em 22/10/2008. Acervo da autora. (Foto de placa de um túmulo).

Cemitério São Pedro – Uberlândia/MG. Jazigo de Família. Foto feita em: 15/10/2008. Acervo da autora. (Túmulo).

Cemitério São Pedro – Uberlândia/MG. Túmulo. Foto tirada em 15/10/2008. Acervo da autora. (Túmulo).

Lembranças Póstumas:

Norma Maria Pereira Flabis – nascimento: 12-03-1949/ falecimento: 03-11-2004.

Paulo Roberto Alves – nascimento: 19-07-1957/ falecimento: 09-08-2006.

Oracília Pereira Prado - nascimento: 28-05-1934/ falecimento: 05-01-2001.

Maria José Borba - nascimento: 07-05-1946/ falecimento: 18-10-2002.

Júlia Pereira Borges - nascimento: 16-02-1937/ falecimento: 26-03-2008.

Rodrigo de Rezende Lara - nascimento: 27-11-1978/ falecimento: 11-05-2003.

Maria José de Souza Ferreira (Fiinha) - nascimento: 26-03-1933/ falecimento: 21-08-2006.

Terezinha Nogueira da Silva - nascimento: 26-11-1946/ falecimento: 15-09-2005.

Irinéia Vilela - nascimento: 13-07-1936/ falecimento: 17-10-2007.

Álvaro Rodrigues - nascimento: 22-11-1926/ falecimento: 05-01-2003.

Luciano Ferreira Borges - nascimento: 15-01-1988/ falecimento: 21-03-2007.

Ronildo Pereira dos Santos - nascimento: 18-08-1943/ falecimento: 26-09-2007.

Delor Pereira Silva - nascimento: 12-03-1945/ falecimento: 08-01-2004.

Alberto Araújo - nascimento: 05-12-1920/ falecimento: 24-02-2002.

Maria Rita Barbosa - nascimento: 22-03-1923/ falecimento: 31-12-2003.

Sebastião Rodrigues Pereira - nascimento: 05-03-1922/ falecimento: 15-01-2004.

Genovera Alexandrina Moura - nascimento: 18-02-1906/ falecimento: 12-03-1996.

Aurora Alexandrina Guimarães - nascimento: 20-01-1887/ falecimento: 125-02-1978.

Maria Divina Cintra Sant'Ana - nascimento: 19-05-1948/ falecimento: 25-07-1997.

Luis Humberto Faria Gonçalves - nascimento: 15-08-1961/ falecimento: 21-11-2000.

Dulce Maria Gomes - nascimento: 11-12-1942/ falecimento: 08-10-2001.

Mary Terezinha Gomes Machado - nascimento: 05-12-1948/ falecimento: 02-02-2002.

João F. Vilarinho - nascimento: 10-08-1917/ falecimento: 18-05-1992.

Maria de Carvalho Braga - nascimento: 27-09-1942/ falecimento: 07-03-1994.

Anésio Moura Guimarães - nascimento: 09-02-1927/ falecimento: 11-05-1999.

Carmem Pessoa Mascarenhas - nascimento: 19-03-1966/ falecimento: 17-08-1992.

Osório Gomes de Mendonça - nascimento: 25-12-1943/ falecimento: 06-10-2001.

Osvaldo Gomes de Mendonça - nascimento: 05-03-1935/ falecimento: 10-12-2001.

Gilmar José Gomes - nascimento: 09-07-1960/ falecimento: 27-03-2005.

Carolina - nascimento: 02-08-1986/ falecimento: 25-01-2008.

Ildifonso David Guimarães - nascimento: 12-06-1924/ falecimento: 30-11-2007.

Anância David Guimarães - nascimento: 31-03-1916/ falecimento: 16-01-2000.

Maria José da Costa - nascimento: 19-04-1914/ falecimento: 08-04-2006.

Olintino Gouveia de Assis - nascimento: 26-06-1921/ falecimento: 29-03-2005.

Almerinda Ana de Jesus - nascimento: 30-04-1918/ falecimento: 09-01-1982.

Boanerges Rodrigues de Oliveira - nascimento: 23-03-1936/ falecimento: 13-10-1995.

Geraldo Ribeiro da Silva: 26-10-1972/ falecimento: 06-11-2006.

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editora teorema, 1988.
- _____. **O homem diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- CARVALHO. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO. As forças Armadas na Primeira República: o poder desestruturador. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, t. III: O Brasil republicano, vol. 2: Sociedade e instituições (1889-1930).
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- DIAS, Rodrigo Fernandes Morais. **“Desaparecer nas pontas dos pés: História da Eutanásia”**. Monografia. Uberlândia: UFU, 2004.
- FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. Campinas: Papirus Editora, 1997.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: companhia das Letras, 1987.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **O Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.
- IMBASSAHY, Carlos. **O que é morte**. Carlos Imbassahy; prefácio de J. Herculano Pires. 3º Ed. – São Paulo: EDICEL, 1981. (coleção científica Edicel; 8).
- JACOBSON, Nils Olof. **Vida sem morte?**/ Rio de Janeiro: Nordica, pref.1970.
- LE GOFF, Jacques. **“As mentalidades: uma história ambígua”**. In GOFF & NOVA HISTÓRIA: NOVOS OBJETOS. Rio de Janeiro: Francisco Alves (ed.) 1979 p. 98 a 93.

LEMES, Ivonilda. **“a morte volta pela Janela – representação da morte na contemporaneidade”**. Monografia. Uberlândia: UFU, 1998.

LEMES, Ivonilda. **“Prometeu (dês) encantado: Sensibilidades Históricas e gestão da vida e da Morte”**. Dissertação de mestrado. Uberlândia: UFU, 2002.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte?** – São Paulo: EDICEL, 1981.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. **Ritos de morte na lembrança dos velhos**. Florianópolis. Ed: da UFSC, 1996.

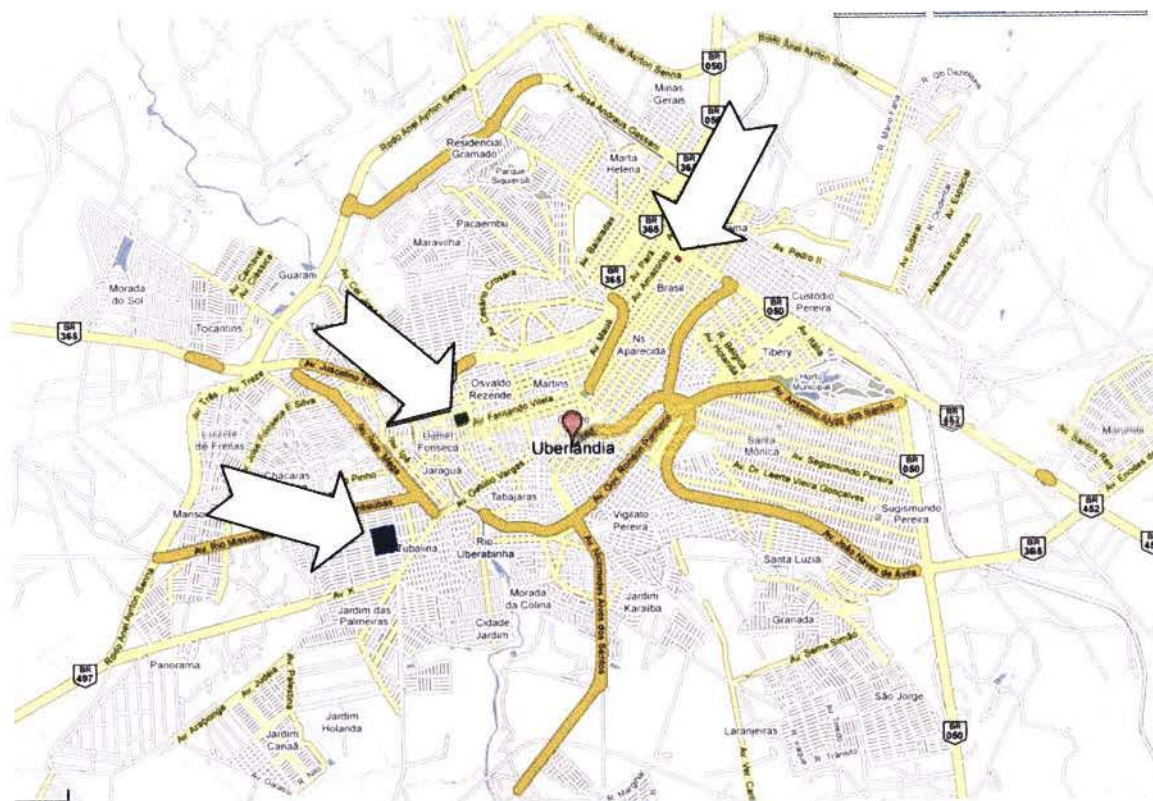
RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)** / Cláudia Rodrigues, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, Paulo Daher. **Eutanásia/** Paulo Rodrigues. Belo Horizonte: Del Rey, 1993.

SCHIMITT, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: companhia das Letras, 1993.

Anexos

Anexo 1: Localização dos Cemitérios em Uberlândia / Uberlândia 2009



Legenda:

- Cemitério Bom Pastor
- Cemitério São Pedro
- Antigo Cemitério São Paulo